

12-2015

Ilha da Trindade: Mosaico de Povos

Manuel de Sousa Gonçalves

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

Recommended Citation

de Sousa Gonçalves, M. (2015). Ilha da Trindade: Mosaico de Povos. *Missão Espiritana*, 25-26 (25-26) Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol25/iss25/23>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

ILHA DA TRINDADE: MOSAICO DE POVOS

Uma ilha situada no calor dos trópicos, a norte do equador e a uns 20 km da costa venezuelana, de montes em linha com a cordilheira que atravessa a América do Sul e um subsolo rico em petróleo e gaz natural, por comunicação com o lençol da bacia do rio Orenoco – eis a Trindade, a ilha da Trinidad. O nome espanhol lembra que ela foi achada por Colombo a 31 de Julho de 1498. A Coroa de Espanha possuiu-a durante 3 séculos, mas pouco olhou por ela. Até 1797, ano em que os ingleses a tomaram e incrementaram o processo da colonização em torno da produção do açúcar e do cacau.

A justificação do nome, ao que parece, vem de uma promessa que o grande “Almirante” fizera, no dia da Santíssima Trindade, quando, na sua terceira viagem, rumou mais para sul em procura de novas terras. Ainda hoje as Caraíbas (Carib era um povo guerreiro do norte da Venezuela), um conjunto de mais de 30 ilhas em que a maioria são Estados independentes, são por vezes referidas como Índias Ocidentais, mantendo o engano que Vasco da Gama desfez quando chegou à Índia verdadeira, 3 meses depois de Colombo ter arribado à ilha da Trindade.

O Estado independente da Trindade inclui ainda a ilha vizinha de Tobago, mais pequena e menos rica. Ambas somam 5.130 Km² e têm 1.150.000 habitantes. Foram os ingleses que as juntaram administrativamente, a partir de 1889.

O mar das Caraíbas conheceu a presença e a rivalidade das potências marítimas da época, nos séculos XVII-XVIII – a Espanha, França, Inglaterra, Holanda... Tobago foi à vez ocupada por todas elas. E os nomes das outras ilhas, sobretudo das mais pequenas, trazem à lembrança histórias vagabundas da pirataria do tempo da caça aos galeões que do Novo Mundo traziam riqueza para a Espanha. Tobago, por seu lado, está ligada a uma recordação mais simpática que as aventuras dos piratas. Costuma-se identificar essa ilha com o mundo de Robinson Crusoe, o herói que um romance famoso de Daniel Defoe, 1719, imaginou e tornou célebre.

Pujança e riqueza

A natureza é quase sempre luxuriante nos climas tropicais. Assim acontece com a Trindade. Contam os livros que naquele pequeno espaço existem 600 espécies de borboletas, 400 de pássaros, 2000 variedades de flores... Abundam cana-de-açúcar, coqueiros, árvores do cacau; há montanhas cobertas de arvoredos frondosos... Nem todo o país é assim – mas é-o em boa parte. A riqueza tradicional foi a cana-de-açúcar. Por causa dela, vieram os escravos africanos, trazidos por holandeses e ingleses a partir de meados do século XVII; antes, a Espanha não precisara de mão-de-obra. Por causa da cana, vieram depois os trabalhadores indianos, os verdadeiros, para substituir os escravos, libertados em 1834. E vieram outros trabalhadores, incluindo açorianos e madeirenses.

Mas a cana enriquece pouca gente. O boom económico da Trindade vem dos anos 70, com a subida dos preços do petróleo. E o governo compreendeu: a base da economia seria doravante o ouro negro, o gás natural e a petroquímica. Até que os preços voltaram a descer e a crise atingiu muitas famílias: estas coisas do dinheiro variam segundo o interesse dos mais fortes. Mesmo assim, a Trindade detém o maior rendimento per capita do arquipélago das Caraíbas.

Uma curiosidade: na área da jazida petrolífera, na costa virada à Venezuela, existe um lago famoso de 50 ha, o Pitch Lake ou Lago do alcatrão: desde 8 metros de profundidade, vão-se formando continuamente placas de alcatrão que facilmente se tiram e se aproveitam, pois que estão mesmo ali à mão.

Sem preconceitos de raça ou cor

A população da Trindade é um mosaico de raças, com larga predominância da cor escura. Compõem-na grupos de origem espanhola, francesa, inglesa, chinesa, portuguesa, síria e libanesa, mas sobretudo indiana e africana: 40% da população é de ascendência indiana, 40% tem raízes africanas e 16% são mestiços.

Do povo ameríndio pré-colombiano pouco ficou: a raça pura sumiu-se, tal como infelizmente aconteceu noutras paragens das Américas. Ficaram alguns nomes de terras, alguns costumes e algum sangue misturado. A maior parte da toponímia da ilha deve-se à Espanha. A capital é Port-of-Spain, a segunda cidade é San Fernando; há também Sta. Rosa, Sta. Cruz, San Rafael, Las Cuevas, Manzanilla, Huevos e Monos... Há tradição de doçaria espanhola e há locais onde ainda se canta e dança à maneira espanhola. Cha-

mam-se “parang” na Trindade, a espécie de “villancicos” de Natal que alguns grupos vão cantando de casa em casa, à semelhança das nossas Janeiras.

A tradição católica da ilha radica na ascendência espanhola e francesa. Quando decidiram colonizar a ilha, os espanhóis, carecidos de pessoal, fizeram apelo a famílias francesas das ilhas vizinhas. Foram admitidas com uma condição: que fossem de religião e prática católica. A fidelidade cultural, em tempos da colonização inglesa, ajudou a manter a fidelidade religiosa – e esta é timbre ainda hoje dessas famílias. Este grupo original, franco-espanhol, está, portanto, na base da constituição da Igreja.

Mas não foi só a religião. O famoso Carnaval da Trindade, tão garboso como o do Rio, menos sumptuoso mas mais morigerado que ele, provém de costumes dos colonos franceses. Destes provêm igualmente alguns nomes de terras, e vem um dialeto, o famoso “patois” que alguns mais antigos ainda conhecem e usam na Trindade.

Da Inglaterra, veio a língua oficial, a estrutura administrativa, a política e as leis. O quadro cultural da ilha é nitidamente britânico. Chineses e libaneses foram atraídos pelo comércio. Os primeiros portugueses que vieram para trabalhar na cana, do Faial, não tiveram sucesso. Teve-o o grupo seguinte, originário da Madeira. Os descendentes são um grupo diminuto, mas que não passa despercebido. Algumas casas comerciais da capital ostentam nome português: um jovem sacerdote espiritano e o bispo auxiliar têm o nome de Mendes; o Primeiro-Ministro dos anos 50 foi um conhecido literato do país, o dr. Alberto Gomes. Por coincidência, o Núncio Apostólico da ilha e de mais 30 ilhas da área, tudo menos Haiti, Cuba e departamentos franceses, é também um português: D. Manuel de Castro Monteiro, natural de Guimarães.

Porém, os dois grupos maiores vieram da Índia e da África. Pertence a estes últimos, desde os anos 70, a supremacia política no país. A população de origem europeia não excederá os 4%.

Criatividade cultural

Falei acima do Carnaval. Bem cedo a gente de origem africana tomou conta dele e o encheu com a exuberância alegre e imaginativa da sua maneira de ser. Mascaradas e trajes fantasiosos, músicas e ritmo, desfiles e danças dominam a ilha durante os dias de festejo e diversão. Mas o Carnaval centraliza as atenções desde muito cedo: mal termina o Natal, as Associações recreativas e musicais viram-se totalmente para ele.

Primitivamente ligado ao Carnaval mas agora autónomo, é o “Calipso”, a canção típica da Trindade. Com tema livre, em jeito de crítica social ou de canção amorosa, a solo ou em dueto por vezes improvisando, a música do

Calipso tem raízes no ritmo da cultura africana e na quentura sentimental da gente das Caraíbas.

Mais conhecida e original é a famosa “Pan Music” ou “Steel band” ou “música metálica”: música executada com percussão em antigos tambores de óleo ou combustível, trabalhados e afinados de jeito variado. O metal dos tambores exige frequente afinação. Mas o efeito musical que se obtém é espetacular: os melhores artistas conseguem tocar afinadíssimas sinfonias de música clássica, tal como trechos de jazz ou rock, ou simplesmente combinações de ritmo livre. Liga-se, por vezes à “Pan Music” a Jamaica ou a Guadalupe. Ela é cultivada na maioria das ilhas. Rigorosamente porém, ela nasceu e tem a melhor execução na ilha da Trindade e a gente do país é briosa quanto a isso.

NO MAR DAS CARAÍBAS: A ILHA DA TRINDADE

Os Espiritanos no coração da Igreja local

Há semelhanças flagrantes entre a Trindade e uma outra ilha situada bem longe, no Oceano Índico – a Maurícia: ambas possuem clima e características tropicais, a diversificação étnica é parecida, mais ou menos semelhante a história colonial, uma e outra beneficiaram da tolerância democrática da colonização inglesa.

Podem aproximar-se ainda as duas ilhas ao nível da pertença religiosa.

Na Trindade, tentou-se desde o início trazer à fé cristã os trabalhadores de origem e religião da Índia. Eles mantêm ainda hoje, volvido século e meio, bastante da sua cultura; são essencialmente indianos os 25% de religião hindu e os 6% de muçulmanos que existem na ilha. Na Maurícia, o hinduísmo está ainda mais arraigado.

Após a conquista, os ingleses foram tolerantes com a tradição religiosa local. Mas ao contrário do que aconteceu na Maurícia, onde há maior “creolidade”, acabaram por exercer uma certa pressão religiosa sobre o povo: há 15% de anglicanos e alguns milhares de metodistas e outros protestantes entre a população trinidadiana.

Os católicos, em percentagem um pouco superior à da Maurícia (36%), provêm de todos os grupos da população, e mais particularmente das camadas de cor branca ou origem africana – tal como na Maurícia.

A população da Trindade resulta portanto de uma agregação de gente de várias raças que a história e a colonização acabaram por juntar. A mesma diversificação existe dentro da Igreja.

O arcebispo de Port-of-Spain tem nome francês e o seu auxiliar é de origem madeirense. Há outros sacerdotes com nome francês ou espanhol, um que outro com nome inglês. Os 2 jovens professores e os 6 candidatos que a Congregação do Espírito Santo tem para o Noviciado são todos de cor escura – de origem africana ou indiana, alguns com mistura das duas. O Mestre de Noviços, um antigo missionário do Paraguai, onde realizou obra ainda lembrada hoje, acusa traços europeus e africanos. E assim por diante.

Os outros grupos religiosos são talvez menos diversificados. Os templos hindus e as mesquitas são frequentados principalmente por gente que veio da Índia. As seitas de origem protestante e matriz pentecostal avançam notoriamente entre o povo de raiz africana. Qual o segredo do seu sucesso? Pelo tipo de vivência religiosa que apresentam, bastante emocional, prometendo curas e solução para os problemas da vida? Frequentemente, os católicos que se passam para as seitas têm problemas com a Igreja por razões de vida matrimonial: jogará também na sua opção o desconforto que sentem vivendo a meias a sua pertença eclesial?

Mas com tal diversidade, haverá choques e conflitos por causa da religião? Descontando a agressividade de algumas seitas e o proselitismo das Testemunhas de Jeová, deve reconhecer-se que a Trindade é terra de paz e de tolerância religiosa. Ainda aí, existe um bem que lhe veio da administração inglesa.

Para ajudar as Igrejas carenciadas

A Regra de Vida dos Espiritanos indica como tarefas específicas da Congregação o anúncio de Cristo a quem O não conhece, o serviço apostólico da Justiça e da paz e a ajuda a Igrejas locais carenciadas. Foi esta última razão que trouxe os espiritanos à ilha da Trindade.

Após a conquista britânica da ilha, as famílias católicas, de origem espanhola ou francesa, começaram a ficar bastante ao abandono, tendo ainda que resistir ao ambiente protestante da colonização. A um apelo do bispo local e sob insistência da Santa Sé, um grupo de espiritanos franceses partiu para a ilha com intenção de se dedicar à educação da juventude. Nasceu assim em 1863 o grande St. Mary's College, ainda hoje Colégio espiritano e o mais prestigioso estabelecimento de ensino da Trindade. Chegaram depois as Irmãs de S. José de Cluny, que fizeram o mesmo para o mundo feminino. A presença da Igreja no ensino mantém-se ainda atualmente. Há 10 Colégios dirigidos por Congregações religiosas, beneficiando de uma visão democrática do ensino que foi ainda herdada dos ingleses. O Estado controla o ensino e a sua qualidade, mas não leva o princípio da separação com a Igreja até ao ponto de recusar subsídio ao ensino confessional. Um exemplo para a Europa.

Por causa da língua e da melhor adaptação ao ambiente inglês, espiritanos da Irlanda tomaram depois o lugar dos franceses. Nasceu um segundo Colégio, com nome da Senhora de Fátima, e foram assumidas várias paróquias. Começaram a surgir vocações e a Congregação foi-se estabelecendo localmente. Praticamente, a atual Província espiritana da Trindade deve-se aos confrades da Irlanda. É um grupo pequeno – 35 membros ao todo, mas cheio de vitalidade, tal como a natureza viçosa da sua terra natal.

Os quadros da Igreja

A ajuda da Congregação à Igreja local ainda hoje é importante.

Presentemente, além dos dois grandes colégios acima ditos, os Espiritanos têm a sua própria Casa de Formação e Noviciado em Arouca (parece português, mas o topónimo é indígena), assistem meia dúzia de paróquias, colaboram no Renovamento carismático e na formação de quadros leigos: um deles dirige um semanário católico e um outro lançou um organismo de promoção e assistência que é conhecido no exterior e tido por exemplar – o Servol. O arcebispo local, Mgr. Pantin, é ele mesmo espiritano.

Demasiada presença espiritana na Igreja da Trindade? Ela é substancial mas não estorva, pois que o trabalho paroquial que exercem, é puramente supletivo, por insuficiência do clero local. Sinal de que a presença espiritana não é incómoda é o facto de haver relações de perfeito entendimento entre o clero diocesano – 20 sacerdotes, e os religiosos, incluindo espiritanos. As comunidades cristãs só têm a beneficiar com isso.

Quanto ao Servol, a sua filosofia de fundo é de autopromoção e autocrescimento, longe de um assistencialismo que tornasse as pessoas passivas e dependentes. Há uma direção central, em que colaboram leigos e uma Irmã, e há comissões nas paróquias; funcionam Escolas de Artes e Ofícios, faz-se alfabetização, assistência familiar, autoconstrução de moradias e sessões de mentalização.

Há mais religiosos na ilha além dos espiritanos: dominicanos, beneditinos, Irmãos da Apresentação (vindos da Irlanda e dedicados ao ensino). As Irmãs de S. José de Cluny são o maior grupo feminino, mas há outros, como as Irmãs Dominicanas, e a Igreja da ilha conta com o apostolado orante de um Carmelo.

Ainda a diversidade espiritana

A origem étnica dos espiritanos reflete a variedade que caracteriza a população da ilha. O grupo compreende 2 chineses, um deles director e o outro ecónomo do Colégio St. Mary's. Outros 2 são de ascendência portuguesa;

há vários com nome espanhol, mais alguns com traços de mestiçagem africana; vários possuem nome francês ou inglês, e, finalmente, nas veias dos jovens candidatos, corre sangue trazido da Índia.

Com surpresa, descobri que dois idosos que usam nome espanhol andaram por Portugal nos anos 30, em ajuda à Província portuguesa – o P. Montes de Oca e o P. Valdez. Foram professores de línguas nos Seminários de Viana e do Fraião. P. Valdez principalmente, que veio jovem e foi ordenado na Sé de Braga, cita ainda nomes de confrades e alunos daquele tempo, fala algum português e conhece cânticos e orações da nossa língua. Quer no primeiro quer no segundo lançamento da Congregação em Portugal, desde 1867 e 1920 respetivamente, a solidariedade espiritana funcionou.

Na Missão exterior

Não são muitos os missionários da Trindade em serviço fora do país. Explica-se o facto pela escassez de pessoal. Mas há alguns trabalhando com os emigrantes das Caraíbas, no Canadá e na Inglaterra: há um outro na vizinha Guiana ex - inglesa, quase desprovida de sacerdotes; um que outro em países africanos...

Quanto à Congregação, uma das suas preocupações maiores é o despertar da consciência missionária nas Igrejas em que trabalha. Assim aconteceu com a Trindade. Apenas constituído em Província, em 1968, o grupo abriu um novo campo de apostolado para a Congregação, o Paraguai. Dificuldades posteriores com o governo ditatorial do país comprometeram a continuidade da presença do grupo como tal. Mas o Paraguai não está esquecido pela Província da Trindade nem os missionários da Trindade estão esquecidos no Paraguai.

Acrescente-se ainda que dos Espiritanos da Trindade, 10 foram missionários na Nigéria e 4 noutros países africanos, além dos 5 que trabalharam no Paraguai.

No entanto, talvez a Igreja local deva despertar mais para uma realidade que lhe está à mão: a evangelização nas demais ilhas das Caraíbas. Tal como no aspeto económico, no aspeto religioso a Trindade está em melhor situação que os países vizinhos. Há ilhas, como a Jamaica, onde o grupo católico é débil e reduzido. Na Martinica e em Guadalupe, os sacerdotes em boa parte ainda têm vindo da Europa. Em Cuba, o proselitismo ateu do Partido de Fidel Castro, segundo o jornal *Le Monde* de 23.2.1990, fez baixar a prática religiosa para 1% da população e a crença, de 90% antes do marxismo, para a atual insignificância de 10% do povo. Um mundo de apostolado ali mesmo à porta que não pode deixar dormir a fé dos cristãos trinidadianos.

In «Encontro» n.º 234 e 235 – junho-julho 1992